

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

11. ÚLTIMAS CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS DO VENERÁVEL PADRE NO NOVICIADO DO GARD, Em Março e Abril de 1851

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 11. ÚLTIMAS CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS DO VENERÁVEL PADRE NO NOVICIADO DO GARD, Em Março e Abril de 1851. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/54>

This II is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

11. ÚLTIMAS CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS DO VENERÁVEL PADRE NO NOVICIADO DO GARD

Em Março e Abril de 1851¹¹⁹

Os textos que se seguem provêm dos “apontamentos tomados por um antigo noviço das últimas conferências espirituais do nosso Venerável Padre no noviciado de Nossa Senhora do Gard, pouco antes de sua morte. Embora não ousemos garantir absolutamente a inteira e perfeita exatidão desta análise, no entanto, reconhece-se facilmente a doutrina do nosso Venerável Padre, os seus modos de dizer e mesmo muitas vezes as suas próprias expressões”. (nota do P. Delaplace¹²⁰)

6ª conferência – Estudo santo da santidade.

[...] A graça (da santidade) não pode agir sem a nossa cooperação; está manietada enquanto somos crianças e só se desenvolve quando nos tornamos capazes de a acolher e a acolhemos realmente. Então manifestam-se dois estados da alma: a união contemplativa e a ação prática, que abrem caminho ao desenvolvimento da graça santificante.

1º A união contemplativa – É esta sede de Nosso Senhor, esta necessidade que sentimos de buscar n’Ele a luz e a força, que já estão em nós em gérmen e que se desenvolvem pela relação direta que se estabelece entre Nosso Senhor e nós.

Esta sede ou esta elevação a Deus é o que chamamos oração. Por isso, a oração é necessária para a vida da alma tal como o são para a vida do corpo o ar que respiramos e a luz do sol.

Esta união contemplativa pode comparar-se a uma criança que quer estar sempre junto de sua mãe, pondo nela só a sua confiança e o seu amor e que está sempre pronto a chamá-la. Há diversas espécies de orações e cada um de nós tem a sua com seus matizes próprios. Para saber o caminho por onde devemos ir temos de nos referir ao tempo da oração sensível e observar quais eram,

¹¹⁹ ND XIII, pg. 686-711.

¹²⁰ ND XIII, pg. 686: N.B. – O P. Delaplace, que nessa altura era o auxiliar do mestre de noviços e que também ouviu estas últimas conferências, completou estes apontamentos e mandou litografá-los (P. Barillec).

Antologia Espiritana

então, as nossas disposições especiais: esse é o nosso caminho, aquele que Deus quer que trilhemos. A união contemplativa não é tão necessária como a ação prática. Uma união contemplativa mais perfeita somada a uma ação prática menos perfeita constitui uma perfeição menor do que a soma duma ação prática muito perfeita com uma união contemplativa menos perfeita.

Naturalmente, a união contemplativa deve dominar nas ordens contemplativas; a ação prática deve ser mais característica nos missionários de Jesus Cristo. Esta ação prática consistirá em sacrificar-se pela glória de Deus e pela salvação das almas, sem habitualmente experimentar grandes alegrias interiores.

7ª conferência – Da união contemplativa.

Cada um tem o seu próprio caminho, porque a graça, para tornar-se alma de nossa alma, adapta-se às disposições acidentais ou permanentes da nossa alma.

Antes de chegar à contemplação, que é o verdadeiro estado de oração, passa-se habitualmente pela oração de meditação, que não é propriamente uma oração, mas sim uma preparação para ela, e passa-se também pela oração de afeição, em que se experimentam sentimentos duma intensidade capaz de nos arrebatar a alma.

Quanto à oração de contemplação, a única que verdadeiramente é oração, consiste numa relação constante e habitual de nossa alma com Deus. É a presença de Deus a exercer-se em nós e, em grau maior ou menor, o sentimento desta presença. Há três graus na oração de contemplação:

1º grau: enlevo da alma, que se desprende de tudo o que a rodeia, que só se ocupa de Deus, suavemente e sem violência, como uma criancinha ao colo da mãe.

2º grau: não se está absorto em Deus, mas voltamos a Ele sem cessar, sem grande dificuldade e como que instintivamente, durante as nossas ocupações, de tal modo que não podemos impedir-nos de pensar frequentemente em Deus, como um amigo pensa frequentemente no seu amigo;

3º grau: não voltamos a Deus instintivamente, e então é necessário um ato adequado para isso, mas tal ato é fácil e agradável.

.....
Congregação do Espírito Santo
.....

Este 3º grau é muito propício à vida apostólica; ocupamo-nos sem nos distrair. Acontece que, neste estado, de modo nenhum se experimentam sentimentos explícitos diante de Deus; estamos diante dele como que passivos, sem tristeza, é certo, mas também sem júbilo nem ação. Neste estado, temos dificuldade em fazer uma hora de oração; gostamos mais de fixar por alto um pensamento e aplicá-lo à ação exterior. Esta ação exterior contribui e, de algum modo, favorece a oração, como o passeio ou qualquer outro exercício moderado favorecem a digestão.

Embora a união contemplativa não seja tão perfeita como a ação prática, no entanto é necessário aplicar-se a ela, porque sem ela não se pode facilmente ser bem sucedido na ação prática; e a ação prática só é boa na medida em que se lhe junte a união contemplativa.

8ª conferência – Da união prática

A ação ou união prática consiste em nos desprendermos das influências da nossa natureza para nos abirmos às influências divinas. Quem é escravo das influências da sua natureza é como um corpo opaco e de modo algum deixa entrar em si a luz sobrenatural da verdade.

Pelo contrário, se controlamos essas influências da natureza e nos damos com afincos a acolher as moções divinas e a agir de acordo com elas, então a nossa alma ganha dinamismo ou vida; ela torna-se espiritual e transparente, da mesma natureza que a verdade divina, que então se infiltra nela sem dificuldade e como que naturalmente. Temos em nós mesmos a abundância da verdade, respiramos a verdade, alimentamo-nos dela, vemos as coisas de Deus sem esforço e claramente, porque a nossa alma está no seu ambiente, que é a luz divina.

Há duas coisas a fazer nesta ação prática ou nesta união prática com Deus:

- 1 - A primeira é reprimir as impressões da nossa natureza, que são de três tipos:
 - impressões atuais dos sentidos;
 - impressões morais, que se ligam ao passado ou ao futuro, do mesmo modo que as impressões dos sentidos se ligam ao presente; aliás, elas nada mais são que estas mesmas impressões dos sentidos reproduzidas por efeito da imaginação, que as vai buscar ao passado ou ao futuro;
 - impressões puramente intelectuais, como o orgulho ou o amor-próprio.

Antologia Espiritana

2 - A segunda coisa a fazer é deixar-se impressionar pela graça divina, que tende sem cessar a infundir-nos a fé e o amor, duplo elemento da vida sobrenatural.

É necessário empenhar-se em simultâneo na união contemplativa e na união prática, no seu mútuo aperfeiçoamento e na sua união, para com elas formar a vida completa.

Podemos ter distrações na oração, sem deixar de estar unidos a Deus. Muitas vezes, acontece estarmos totalmente confusos na oração; não só não conseguimos dar-nos conta do que fazemos como nem sequer sabemos se fazemos realmente alguma coisa; estamos num estado de alheamento que nos faz crer que o trabalho não avança e que entravamos a obra de Deus. Ora bem! É talvez então que a ação divina é mais eficaz, porque Deus tem mais domínio sobre nós, é quase só Ele a agir; e isso nota-se bem quando, depois de uma oração deste género, nos sentimos esclarecidos e com mais vontade de fazer o bem.

Uma coisa a ter bem em conta é não dar rédea solta aos impulsos de amor-próprio na nossa oração; temos de nos convencer intimamente e de ficar a saber por experiência que, por nós mesmos, não somos capazes nem sequer dum arremedo de oração, que ela resulta tão só da ação da misericórdia divina que, descendo até nós, nos quer pôr em comunicação consigo.

Um texto da Sagrada Escritura que prova bem que a união prática consiste em dominar a natureza e deixar-se impressionar pela graça, é este: Abnega temetipsum, tolle crucem tuam et sequere me. - Abnega temetipsum¹²¹, renunciar a si mesmo, isto é, não fazer caso de si; dominar todas as influências da sua natureza para procurar agradar só a Deus. Tolle crucem tuam. Longe de ceder ao seu bem-estar, é necessário, em vez disso, abrir as asas da fé para voar ao encontro das dificuldades e cruzes. Importa tomar sobre si, sem mais cerimónias, estas cruzes, certos de que Deus será o nosso apoio e nos há de atrair para si do alto da sua cruz. Et sequere me. Agindo assim, seguimos Nosso Senhor, imitamo-lo. E então, para nos mantermos firmes e não nos perdermos, é preciso não o perder de vista a Ele, pois Ele vai sempre à nossa frente, levando a sua cruz, uma enorme cruz, e volta muitas vezes atrás para nos ajudar a levar a nossa, para a levar Ele mesmo e nos encher de alegria no meio das tribulações.

¹²¹ "Se alguém quer seguir-me, que se renegue a si mesmo, que tome a sua cruz cada dia e me siga" (Lc 9, 23; Mc 8,34; Mt 16, 24)

9ª conferência – União prática (continuação)

É necessário que todo o nosso ser esteja unido a Deus e isso só se consegue pela união prática.

Mundus me non cognovit¹²² - Porque é que Nosso Senhor chama aos homens mundus? Porque eles se dão tanto ao gozo das coisas naturais, às coisas do mundo, que a sua alma está toda impregnada delas; está, por assim dizer, identificada com este mundo, com as criaturas naturais. Ora o nosso espírito não pode estar em dois lados em simultâneo, no que é natural e no que é sobrenatural: nemo potest duobus dominis servire¹²³. São Paulo diz: Homo carnalis non intelligit quae Dei sunt, sed homo spiritualis dijudicat omnia¹²⁴. Esta palavra dijudicat significa que ele tem contacto com as realidades sobrenaturais e que não tem delas apenas umas luzes ou noções passageiras, como nos acontece na oração, mas que se vão e deixam que o espírito se disperse.

Toda esta ação prática se compreende melhor recorrendo a comparações. Vejamos como age o mundo, como agiu sobre nós, como devemos triunfar sobre ele.

1º Como age o mundo. Está no seu ambiente como peixe na água e conhece-o perfeitamente. Os filhos do mundo têm mais sabedoria, diz Nosso Senhor, que os filhos de Deus, isto é, sabem melhor o que têm a fazer.

Um diplomata conhece às mil maravilhas os segredos da sua profissão e exerce-a a tempo pleno e com gosto; é o seu modo de vida; precisa disso. Os operários, cada um em seu género, os artistas não só sabem avaliar, de imediato, aquilo que é da sua profissão como também se lhe dedicam totalmente. Temos também nós de adquirir de tal modo a ciência da salvação que nela avancemos lestos sem antes termos de estar a pensar nisso.

2º Como o mundo nos dominou. Se não tivéssemos nascido no pecado, ou se a graça do batismo, ao curar a nossa alma, a não tivesse deixado ainda ferida, teríamos triunfado do mundo e tudo em nós estaria bem. No entanto, nascemos no pecado e, depois de haver recebido o germen da salvação, continuámos ainda muito toscos. O pecado subjogou-nos, tiranizou-nos; e nós também lhe demos largas. [...]

¹²² “Pai santo, o mundo não te conheceu, mas eu conheci-te” (Jo 17, 25)

¹²³ “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6, 24; Lc 16, 13)

¹²⁴ “O homem terreno não acolhe o que é o do Espírito de Deus [...]. O homem espiritual pelo contrário, julga todas as coisas” (1 Cor 2, 14-15)

10ª conferência - Estudo constante da santidade

A 3ª qualidade do estudo da santidade é a constância. Já dissemos que é necessário estudar a santidade de modo prático e santo; agora, que esta palavra constância não nos assuste; não encaremos isso como um trabalho duro. O estudo da santidade é mais descanso do que esforço: Jugum meum suave est et onus meum leve¹²⁵, disse o Mestre; não nos assustemos pensando nos sacrifícios que será necessário fazer constantemente. São impossíveis à natureza, que eles tendem a quebrar, mas a graça que nos é concedida dá a força para isso, e faz-nos até sentir uma alegria suave e santa nestes sacrifícios, sejam eles de que natureza forem. Sente-se mesmo um sabor agradável no íntimo da alma, ainda que por fora se esteja exposto à aridez, à angústia e a desolações espirituais.

A santidade custa àqueles que só a ela se dedicam a meias e muito à justa; pelo contrário, aqueles que se lhe dão generosamente, encontram nela delícias inefáveis, alegrias suavíssimas que a natureza não pode compreender: Gustate et videte quoniam suavis est Dominus¹²⁶.

Nada nos detém no caminho, porque é a graça que nos impulsiona. A alma é como um barco que navega no mar alto, impelido pelo vento. A marcha no caminho espiritual é como a dum caminhante a subir uma montanha; se for devagar, acaba por se deixar vencer pelo desânimo; pelo contrário, se, enchendo-se de coragem, avançar com decisão chega ao cimo quase sem dar por isso.

É assim que se deve fazer na vida espiritual: mortificar-se, mortificar-se sempre, completa e generosamente: os meios sacrifícios, ainda por cima regateados, são pesados, enquanto que os sacrifícios completos são suaves.

No entanto, é preciso não ter ilusões; a nossa pobre natureza lá está para nos arranjar algum empecilho, apesar de tudo; mas também isso e tudo o mais que vier se resolve. Estes empecilhos são a fraqueza do coração, a imaginação, o amor-próprio.

1º Fraqueza do coração. Diante dos sacrifícios poderemos sentir-nos desconcertados: o quê! Sempre provações e provações cada vez maiores! Então, tomamos balanço: vamos a isto, minha alma, para que tens tu a graça? Ainda não resististe até ao sangue e à morte de cruz. Vamos! É possível fazer ainda muito mais com a graça do meu Deus! Uma mortificação na altura certa ou um simples arrebatamento da alma, desperta-a, desentorpece-a, ajuda-nos, e aí vamos nós tão bem como nunca. A lembrança duma ação semelhante de

¹²⁵ “O meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11, 30)

¹²⁶ “Saboreai e vede como o Senhor é bom” (Sl 33, 9)

.....
Congregação do Espírito Santo

Nosso Senhor ou dalgum santo produz também este mesmo efeito.

É necessário notar que muitas vezes, após uma oração, Nosso Senhor apresenta-nos a ocasião prática, como se nos dissesse, por exemplo: meu filho, venho pôr à prova a tua fidelidade, mas não temas, eu estou contigo para te ajudar!

Um segundo remédio contra a fraqueza do coração é dizer tudo ao seu diretor. Quando nos sentirmos a enfraquecer em alguma virtude, por exemplo na caridade, vamos de imediato ter com o nosso diretor, e até várias vezes, se for preciso.

2° A imaginação tem um duplo efeito, a perturbação e a ilusão. Com a imaginação a construir castelos no ar, a alma sente-se cada vez mais vazia; então fica perturbada e procura preencher este vazio mediante a tensão. Esta, sempre má, consiste em apoderarmo-nos duma virtude, dum bem espiritual, como que de assalto, contando só com o nosso esforço; pensamos que procedemos bem, e mostrando-se vão esse esforço, ficamos cada vez mais perturbados; esgotamo-nos num esforço vão e o resultado é afundarmo-nos cada vez mais.

Nunca é de mais convencermo-nos, mas bem a sério, de que na ordem sobrenatural, nada podemos por nós mesmos, nada de defeituoso podemos retificar em nós. Nem rigidez, nem animosidade! Nem sequer ao menos um verdadeiro ato de humildade somos capazes de fazer. O que conseguimos é só cansar-nos e perder o fôlego sem adiantar nada.

O que se deve fazer, em vez de ceder à tensão, é simplesmente confiar só na bondade e na misericórdia divinas; mas com firmeza, com toda a alma. Ele é um pai infinitamente bom, que nada tem tanto a peito como derramar as suas graças na alma de seus filhos, tão cegos para Ele que nem dão pela sua presença e se afastam. Muitas vezes Deus, tocado de compaixão pelas almas que se estão a prejudicar devido à tensão, manda-lhes a sua luz, e então as coisas começam a ir bem.

A ilusão aqui é crer que se está no bom caminho e bem avançado na virtude, quando tudo isso é fictício, isto é, está só na imaginação.

3° O amor-próprio tem também a sua sede na imaginação; só nos enchemos de orgulho porque nos alienamos de nós próprios e de Deus; porque se nos virmos tal qual somos, desprezamo-nos e nem de longe somos tentados a julgar que por nós valemos alguma coisa. Portanto, manter-se face a face consigo e com Deus para evitar estas divagações do amor-próprio. De resto, é preciso desprezar o amor-próprio em que não toma parte a vontade.